Locus de controle e o comportamento de jogar (e... o de estudar!)*

BERNARDO JABLONSKI**

1. Introdução; 2. Método; 3. Resultados; 4. Discussão.

O construto internalidade-externalidade tem sido motivo de inúmeros estudos, tanto no que toca ao conceito em si como nas suas aplicações nas mais diversas subáreas da psicologia. O objetivo inicial de nosso trabalho foi o de tentar estabelecer uma relação entre *locus* de controle e o comportamento de jogar. Especificamente, a hipótese visava comprovar a preferência de internos por loteria esportiva e de externos por loto, na medida em que essas duas modalidades de jogos oferecem diferentes graus de possibilidade de controle em função de fatores ligados a conhecimentos prévios, com a loteria esportiva se enquadrando como um jogo mais passível de "controle" (comparado à loto). Os resultados obtidos, no entanto, não corroboraram essa hipótese, talvez pelo fato de os sujeitos de nossa hipótese simplesmente não costumarem jogar. Curiosamente, no entanto, ao tabelarmos os dados manualmente, descobrimos uma outra relação: duas das turmas que mostravam um número significativamente maior de sujeitos internos eram constituídas — o que viemos a saber depois — pelos alunos melhor classificados no vestibular. Em função disso, procedemos à formulação de uma nova hipótese focalizando justamente a relação entre internalidade e rendimento acadêmico. A análise da variância e testes *a posteriori* vieram confirmar nossa nova hipótese. Ao final do artigo, novas sugestões de pesquisa são esboçadas.

1. Introdução

O construto *locus* de controle interno-externo de Rotter (1966) tem sido nos últimos anos um dos conceitos mais explorados em psicologia. Segundo Phares (1978), até 1977 mais de mil estudos nesse sentido já tinham sido publicados,

* Artigo apresentado à Redação em 21.7.83.
** Professor no Departamento de Psicologia da PUC/RJ; doutorando em psicologia na Fundação Getulio Vargas. O autor agradece ao Prof. Aroldo Rodrigues pela orientação na disciplina Assessoria de Pesquisa do Curso de Doutorado da FGV durante a qual esta pesquisa foi realizada, e ao Prof. Vitor Bernardo Rose pelo auxílio na programação dos dados para tratamento por computador. (Endereço do autor: Rua Marquês de São Vicente, 225 — Gávea — Rio de Janeiro, RJ.)

desde os mais simples e específicos experimentos até complexas revisões e expansões teóricas. Embora não possamos precisar se no presente momento este número duplicou, ou mesmo triplicou, a verdade é que estamos diante de um tópico que tem merecido ampla atenção em diversificadas áreas da psicologia. Assim, inúmeras pesquisas já demonstraram, por exemplo, que internos e externos diferem significativamente com relação à classe social, etnia, diferença de nacionalidade, saúde e cuidados corporais, controle cognitivo, conformidade, mudança de atitude, condicionamento verbal, ativismo social, rendimento escolar, psicopatologia, etc. (resumo de achados a cargo de Phares, 1978). É claro que esses dados não estão isentos de controvérsias e de resultados por vezes duvidosos, mas servem para oferecer uma boa visão das diferenças possíveis — ou reais — do modo pelo qual as pessoas "percebem a origem" do que lhes sucede.

E essa busca continua ativa, como podemos ver, a título de ilustração, através da análise do *Psychological Abstracts* de novembro e dezembro de 1982, que aponta pelo menos 30 estudos diretamente ligados a essa mesma questão e distribuídos por diversas áreas, como, por exemplo, estudos relacionados a depressão, memórias infantis, diferenças sexuais, prevenção de câncer, alcoolismo, percepção do tratamento pelo paciente, relação professor/aluno, altruísmo, rendimento escolar, política, perda da figura paterna, interação de idosos, estresse, além de, é claro, pesquisas ligadas à essência do construto.

Também entre nós alguns estudos têm sido realizados, desde que em 1979 Dela Coleta procedeu a uma bem-sucedida padronização do teste. Guerguen Neto (1982) e Araújo (1983), por exemplo, verificaram recentemente a confirmação da existência de uma relação positiva entre internalidade e rendimento escolar. Conforme explicaremos adiante, nós também, no presente trabalho, chegamos à mesma conclusão, ainda que não fosse essa nossa hipótese original de pesquisa.

Nosso estudo relaciona-se mais especificamente com a relação entre *locus* de controle e o comportamento de jogar. Faz-se necessário aqui abrir um parêntese para explicar o que venha a ser a *loteria esportiva* e a *loto* (a quem estiver bem familiarizado com estes dois jogos, aconselhamos pular a parte que se segue até a formulação da hipótese no fim deste item).

São dois jogos controlados pela Caixa Econômica Federal, que se realizam semanalmente e cujas apostas podem ser feitas em quase todo o país. A loteria esportiva — mais antiga — corre no sábado e no domingo, com o resultado sendo conhecido no domingo à noite, enquanto a loto corre na sexta-feira de manhã, com o resultado sendo publicado de imediato. São dois jogos muito populares e que mobilizam semanalmente vultosas quantias de dinheiro. A loto desta semana, por exemplo (17 de junho de 1983), estará distribuindo um prêmio de Cr$ 401 milhões a quem fizer a "quina" (primeiro prêmio) — aproximadamente US$ 760 mil. A loteria esportiva, por sua vez dará no mesmo período a seu(s) ganhador(es) um total de Cr$ 677 milhões (US$ 1.280 mil aproximadamente). Não estão incluídos nestes números a parte que o governo retém para si, para os revendedores, os impostos, o que é distribuído para fins sociais, etc. — Neste sentido, e para maiores esclarecimentos, só consultando a própria Caixa Econômica Federal.

A diferença entre os dois jogos é a seguinte: a loto é simplesmente um sorteio de números que vão de 1 a 100 (na verdade, 00). Quem tiver preenchido

os cartões de tal modo que venha a acertar os cinco números sorteados ao acaso ganha o prêmio, que varia em função da arrecadação da semana vigente, ou mesmo de outras, caso aconteça de ninguém ter acertado os cinco números (a "quina") na(s) semana(s) anterior(es). Quem acerta quatro números (a "quadra") ou três (o "terno") também ganha prêmios em dinheiro, embora em menor quantidade, uma vez que é relativamente mais fácil acertar três do que cinco números em uma aposta. Evidentemente, há um limite máximo de apostas por cartão — 10 números. Escusado dizer que quanto maior o número de marcações em um cartão, tanto maior a quantia a ser despendida pelo apostador.

Há outras tantas complicações e sutilezas nesse jogo, mas como a finalidade aqui é a de tão-somente dar uma idéia ao leitor que não conhece a loto dos principais mecanismos que lhes são subjacentes, vamos limitar-nos em nossas explicações. Basta-nos ter deixado claro que se trata de um jogo que se baseia única e exclusivamente na sorte, isto é, no sorteio aleatório de certos números. Para que se veja a magnitude do fator sorte neste jogo, a probabilidade de se acertar a "quina" marcando cinco números é de cerca de uma em 75 milhões.

A loteria esportiva, por outro lado, é constituída por 13 jogos de futebol disputados por 26 equipes diferentes e que são de um modo geral bem conhecidas pelo grande público (a escolha dessas equipes varia em função dos campeonatos em andamento, amistosos, jogos interestaduais, internacionais, etc.). E quando isso não acontece (no caso de pequenos times do interior ou equipes de outros países), todos os grandes jornais e outros meios de comunicação se incumbem de fornecer ampla cobertura a respeito, com dados e subsídios relevantes. O(s) apostador(es) que acertar(em) os vencedores dos 13 jogos recebe(m) o montante a ser distribuído. Não há aqui segundos ou terceiros prêmios como no caso da loto. Embora haja outros detalhes que também merecessem nossa atenção, nos é suficiente, de acordo com nossos objetivos, demonstrar apenas que, nessa modalidade de jogo, o apostador tem algum "controle" sobre o resultado. A força de um time, sua superioridade com relação ao outro que ele enfrenta, a posição de ambos na tabela em função de resultados anteriores, onde será realizado o jogo, etc., formam um conjunto de informações que podem servir de precioso guia na busca dos 13 pontos, caso o apostador se interesse por futebol. É claro que, como no caso da loto, há um limite máximo de apostas, ou seja, embora o apostador tenha o direito de colocar em vários jogos empate e vitória dos dois times para se prevenir de possíveis resultados imprevistos, essas marcações também obedecem a um limite máximo. Obviamente, quanto maior o número de possibilidades marcadas, tanto mais cara sairá a aposta. Há também por outro lado um limite mínimo para se apostar. Por ocasião da realização de nossa pesquisa, o preço mínimo tanto na loto como na loteria esportiva era de Cr$ 50 (aproximadamente US$ 0,10).

Assim, para o apostador que conhece futebol, há uma diferença importante entre as duas modalidades de jogo. Na loto o fator acaso possui um peso bem maior do que na loteria esportiva, onde conhecimento, por sua vez, exerce um papel relativamente importante.

Baseados nessa premissa — percepção da loto mais dependente do acaso e da loteria esportiva como mais dependente de conhecimento prévio — e em tudo que já sabemos acerca dos pressupostos referentes à questão do *locus* de

controle, é que hipotetizamos que internos preferem jogar na loteria esportiva ao passo que externos preferem o jogo da loto. A presente pesquisa submete esta hipótese a teste empírico.

2. Método

2.1 *Sujeitos*

A amostra foi constituída por 140 alunos do ciclo básico do Centro de Tecnologia e Ciência da PUC/RJ, sendo 115 do sexo masculino e 25 do sexo feminino, e provenientes de duas turmas do turno da manhã e de duas turmas do turno da tarde. A grande maioria da amostra está incluída na faixa dos 17 e 18 anos (84,3%)

2.2 *Procedimento*

Todos os dados foram colhidos em uma só sessão. O experimentador — após prévia combinação com o professor da disciplina — interrompia uma aula normal e solicitava aos sujeitos que respondessem a dois questionários "relacionados com uma pesquisa psicológica sobre o comportamento de jogar". Seguia-se uma rápida explanação da natureza dos dois questionários a serem aplicados e a promessa de dois créditos àqueles alunos que se comprometessem a auxiliar o Departamento de Psicologia nessa e em eventuais outras pesquisas a serem realizadas. Foi dito também que outras explicações, mais esclarecedoras, seriam fornecidas em outro dia a ser combinado, juntamente com os resultados.

O primeiro questionário criado por nós visava, em primeiro lugar, obter dados acerca das preferências por jogos de azar em termos de qualidade — que modalidades — e de quantidade — com que freqüência e em que condições. Em seguida, contrapúnhamos loto e loteria esportiva, solicitando aos sujeitos que externassem suas preferências, inclusive em situações mutuamente exclusivas. Além disso, solicitávamos informações no sentido do interesse dos sujeitos por futebol, seus conhecimentos do assunto e sua percepção de loto e loteria esportiva em termos de sorte *versus* habilidade e conhecimento. Compunham ainda o questionário perguntas relativas a sexo, idade, além de outras indagações de menor importância.

Em segundo lugar, aplicávamos a escala internalidade-externalidade de Rotter, adaptada por Dela Coleta (1979). Toda a sessão não ultrapassou o limite máximo de 50 minutos de duração.

3. Resultados

A tabela 1 indica o principal cruzamento realizado, qual seja, o de internos e externos com loto e loteria esportiva. Como vemos, não há associação entre internalidade e preferência por loteria esportiva e de externalidade e preferência por loto ($x^2 = 0{,}546$, $p = M.S.$).

Tabela 1

Percentagem de escolha de internos e externos com relação à loto e loteria esportiva

	I	E
Loto	32,5	38,6
Loteria esportiva	67,5	61,4
	100	100

Obs.: $\chi^2 = 0{,}546$; probabilidade não-significante.

O que nos surpreendeu no entanto é que, na amostra escolhida, apenas uma minoria declarou jogar com freqüência nessas duas modalidades de jogos tão populares em outros segmentos da população. Em nossa opinião, esse fator deve ter influenciado bastante nos resultados encontrados. Examinando tão-somente os dados daqueles que costumam jogar freqüentemente, encontramos os resultados apresentados na tabela 2.

Tabela 2

Percentagem de escolha de internos e externos da parte da amostra que joga com mais freqüência na loto e na loteria esportiva

	I	E	N
Loto	10	90	10
Loteria esportiva	38	62	13

Assim, dos que jogam na loto, 90% são externos e 10% são internos. Esses números caem bastante com relação à loteria esportiva, onde encontramos um total de 62% de externos contra 38% de internos, ou seja, essa expressiva diferença mostra que há ainda uma possibilidade de resgatar a hipótese do presente trabalho em função desses dados e da seleção de uma amostra que jogue com uma freqüência mais considerável. A única diferença estatisticamente significante entre os dados é a diferença entre 90% e 10% ($Z = 3{,}33$, $p < 0{,}001$). O pequeno número de casos, todavia, dificulta um teste mais eficiente da significância entre essas percentagens.

Por outro lado, um resultado não-buscado *a priori* pelo autor merece um destaque especial. Ao tabularmos os dados manualmente para posterior análise por computação, verificamos que nas duas turmas da manhã predominavam os internos, o que não ocorria nas turmas da tarde, onde aparentemente havia uma distribuição *normal* de internos e externos. Conversando a esse respeito com a coordenadora do ciclo básico, soubemos que a distribuição por turmas — manhã e tarde — dos alunos egressos do segundo ciclo não se dava aleatoriamente, e sim, em função das notas obtidas nos exames classificatórios, sendo alocados nas

turmas da manhã os alunos que obtiveram no vestibular média igual ou superior a sete, ficando os de nota inferior a sete nas turmas da tarde.

Conquanto a relação entre internalidade e rendimento escolar ainda seja matéria controversa, dois estudos anteriores realizados no Brasil (Araújo, 1983; Guerguen Neto, 1982) já vieram comprovar a existência dessa relação. Em função disso, procedemos à formulação de uma nova hipótese: a de que as turmas *A* e *B* (melhor classificados, turno da manhã) possuiriam mais internos do que as turmas *C* e *D* (classificados com notas inferiores, turno da tarde). Como o número de alunos por turma era variado, tomamos a menor turma (24 alunos, manhã), equalizamos aleatoriamente as outras três e comparamos os resultados.

A análise da variância indicou um $F_{(3,92)} = 4{,}54$, $p < 0{,}01$, enquanto os testes *a posteriori* de Duncan e de Scheffé indicaram as seguintes diferenças: o teste de Duncan revelou relações significantes apenas entre as turmas *A* e *C*, *A* e *D* e entre *B* e *C* e *B* e *D*. Já o teste de Scheffé indicou a relação turmas *A* e *B versus* turmas *C* e *D* como significante.

Tabela 3

Sumário da análise da variância

Fonte	SQ	GL	MQ	F
Tratamento	190.87	3	63,62	4,54*
Erro	1.288.09	92	14,00	
SQ Total	1.478.96	95		

* $p < 0{,}01$.

Assim, podemos concluir que temos um número significativamente maior de internos entre os alunos melhores classificados (turmas *A* e *B)* do que entre os alunos não tão bem classificados (turmas *C* e *D*) no vestibular para a PUC/RJ.

4. Discussão

Como vimos pela análise dos resultados expostos, nossa hipótese não foi confirmada: internos não se mostraram mais inclinados a optar pela loteria esportiva e tampouco os externos fizeram o mesmo com relação à loto. Contudo, acreditamos que, antes de descartar de vez essa hipótese, seria aconselhável a realização de uma outra pesquisa, dessa vez escolhendo uma amostra mais concretamente envolvida com os jogos em questão. Não sabíamos de início que nossa amostra jogasse tão pouco. Os resultados foram, nesse sentido, surpreendentes: 90% dos sujeitos jogam raramente — ou mesmo nunca — na loto, loteria esportiva, jogo do bicho, cartas a dinheiro, loteria federal/estadual ou freqüentam o hipódromo. Talvez com uma amostra mais comprometida com hábitos de jogar, os resultados sejam outros, como acreditamos ter chegado a esboçar com a diminuta fração de nossa amostra que realmente tem o costume de jogar.

Por outro lado, em um belo exemplo de *serendipity*, nos tornamos — salvo erro — no terceiro estudo brasileiro a confirmar a noção de que internos possuem melhor rendimento acadêmico do que externos. Esses achados não são compartilhados por estudos levados a cabo em outros países, ao menos no que tange a sujeitos universitários. Já com relação a crianças, internos demonstram ter melhores resultados escolares (Crandall, Katkovsky & Preston, 1962; McGhee & Crandall, 1968). Para Phares (1976), "outros fatores tais como hábitos de estudo e experiências acadêmicas específicas devem ser mais importantes na universidade do que o *locus* de controle". Isso não é, no entanto, o que estamos verificando em nossa realidade, onde o *locus* de controle parece assumir um papel mais preponderante.

Outros estudos — como por exemplo, ver a percentagem de internos e externos (medidos *antes* do exame vestibular) que soem ingressar na faculdade (e com que notas o fazem) — podem servir para ajudar a dirimir essa questão. E se for comprovado que essa "característica de personalidade" tem mesmo um papel importante no processo de aprendizagem, um novo caminho deverá ser trilhado, qual seja o de incentivar as condições o mais fomentadoras possíveis em prol de um efeito que vise ao desenvolvimento de maior internalidade por parte dos alunos. Os prováveis resultados — mais estudo e menos jogo — merecem de nossa parte um esforço maior, traduzível por um número mais significativo de pesquisas nessa área.

Abstract

The internality-externality construct has been the subject of innumerable studies, both as regards the concept itself and its applications in various fields of psychology. The initial goal of our study was to establish a relationship between locus of control and the gambling behavior. Specifically, we intended to ascertain the preference of internals for soccer lottery ("loteria esportiva") and of externals for "loto", in so far as both modalities offer different degrees of control possibility. Soccer lottery yields more "control", according to foreknowledge, as compared to "loto". However, the results did not corroborate the hypothesis, perhaps because the subjects did not customarily bet. But, curiously, when handling the data, we found another pattern: two of the classes with a meaningfully greater number of internal subjects were constituted, as we came to know, by pupils with higher scores in the entrance exams. Accordingly, we formulated a new hypothesis, with focus on the relation between internality and academic performance. Variance analysis and a posteriori tests confirmed our new hypothesis. At the end of the article, we suggest new lines of research.

Referências bibliográficas

Araújo, R. C., *Atribuição de causalidade,* locus *de controle e rendimento escolar*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 1983.

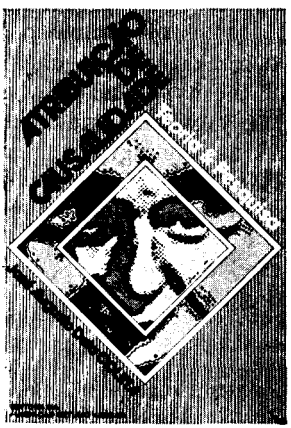
Crandall, V. J.; Katkovsky, W. & Preston, A. Motivational and ability determinants of children's intelectual achievement behaviors. *Child Development,* 33:643-61, 1962.

Dela Coleta, J. A. A escala de *locus* de controle interno-externo de Rotter: um estudo exploratório. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 31*(4):167-81, 1979.

Guerguen Neto, F. *Atribuição de causalidade, ansiedade e rendimento acadêmico*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1982.

Lefcourt, H. M. Internal *versus* external control of reinforcement. *Psychological Bulletin, 4*:206-20, 1966.
———. Locus *of control, current trends in theory and research*. New York, Lawrence Erebaum, 1976.
———, ed. *Research with the* locus *of control construct*. New York, Academic Press, 1981. v. 1.
Lessing, E. E. Facial differences in indices of ego functioning relevant to Academic Achievement. *Journal of Genetic Psychology, 115*:153-67, 1969.
McGhee, P. E. & Crandall, V. C. Beliefs in external-internal control, reinforcement and academic performance. *Child Development, 39*:91-102, 1968.
Phares, E. J. Locus *of control in personality*. *Morristown*, New Jersey, General Learning Press, 1976.
———. *Locus* of control. In: London, H. & Exner, J. E., ed. *Dimensions of personality*. Wiley, 1978.
Rodrigues, A. *Atribuição de causalidade e* locus *de controle;* Alguns resultados obtidos no Brasil. Trabalho apresentado ao XIX Congresso da SIP. Quito, 1983.
Rotter, J. B. Generalized expectancies for internal *versus* external control of reinforcement. *Psychological Monographs, 80*:609, 1966.
——— & Hochreich, D. J. *Personalidade*. Rio de Janeiro, Interamericana, 1980.
Stephens, M. W. & Delys, P. External control expectancies among disavantaged children at preschool age. *Child Development, 44*:670-4, 1973.

Os Porquês nas Relações Sociais



Com esta obra, o Prof. Dela Coleta, Doutor em Psicologia e psicólogo do ISOP — Instituto Superior de Estudos e Pesquisas Psicossociais, da FGV, fornece um acervo organizado de conhecimentos sobre o processo de atribuição de causalidade, tema palpitante da Psicologia Social atual, de grande interesse para estudiosos no assunto, sobretudo psicólogos de diversas áreas e estudantes de pós-graduação em psicologia.
Compreende 10 abordagens teóricas da atribuição de casualidade. Um livro para facilitar e incrementar os estudos e pesquisas nesta área no meio brasileiro.

Atribuição de Causalidade, teoria e pesquisa
José Augusto Dela Coleta
154 p.

Nas Livrarias da FGV ***ou pelo Reembolso Postal***